

ASPECTOS SOCIO-DISCURSIVOS DO SISTEMA PRONOMINAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Marília FERREIRA-SILVA¹⁵

Dayana Carlinda LOPES¹⁶

Resumo: O estudo das formas pronominais do Português Brasileiro (BP) permite-nos afirmar que mudanças no comportamento dos usos delas têm acarretado distinções entre prescrições da gramática normativa e o português coloquial. Alguns estudiosos têm-se debruçado sobre o tema apresentando descrições dos usos das formas pronominais. As mudanças mais significativas apresentadas são: (i) a co-ocorrência entre *tu* e *você*, que manifesta uma mudança no paradigma pronominal do português; (ii) a co-ocorrência da forma pronominal *nós* e a expressão *a gente* e (iii) o desaparecimento dos usos, na modalidade oral, do pronome *vós*, que tem sido amplamente substituído pela forma *você* e *vocês*.

Palavras-chave: Português Brasileiro. Pronomes. Gramática. Mudança. Paradigma.

Abstract: The studies of pronominal forms of Brazilian Portuguese (BP) allow us to say that changes in their usage have made some distinctions between prescriptions of normative grammar and colloquial BP. Some experts have looked over this theme presenting descriptions of how the pronominal forms are used. The most significant changes presented are: (i) the co-occurrence between *tu* and *você*, which expresses a change on the pronominal paradigm of BP; (ii) the co-occurrence of the pronominal form *nós* and the expression *a gente* and (iii) the loss of the usage of the pronoun *vós*, which has been widely replaced by the forms *você* and *vocês* on the oral modality of BP.

Keywords: Brazilian Portuguese. Pronouns. Grammar. Change. Paradigm.

Introdução

O português veio do latim vulgar e, assim como suas outras irmãs, herdou em seu sistema pronominal, duas formas para referir ao interlocutor. A segunda pessoa do discurso era representada, inicialmente, pelo pronome *tu* do singular, usado em situação

¹⁵ Professora do Instituto de Letras e Comunicação (ILC) vinculada à Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal do Pará (UFPA), no norte do Brasil. Doutora em Linguística pela UNICAMP. E-mail: marilia@ufpa.br

¹⁶ Graduada em Letras pela Universidade Federal do Pará. E-mail: dayanacarlinda@hotmail.com

de menor formalidade e de intimidade entre os interlocutores, e pelo pronome *vós do plural* no plano da cortesia entre os interlocutores.

Modesto (2005) afirma que há uma crescente utilização da forma *você* em detrimento de *tu*, argumentando que alguns pesquisadores têm dito que o pronome *tu* está desaparecendo do falar brasileiro, estando restrito a apenas algumas regiões do Brasil como a região Norte e alguns estados da região Sul, diferenciam a grande maioria das regiões, onde a forma *você* é predominante. Essa variação entre os pronomes não é recente. Estudos realizados a partir da perspectiva diacrônica mostram que essa mistura ocorre na variedade de língua portuguesa falada na Europa desde o século XV e no Brasil, particularmente, a partir do século XVIII. Para compreendermos o sistema pronominal atual, apresentaremos um levantamento baseado em estudos já realizados que contemplam a variação entre os pronomes de segunda pessoa do singular, elencando os fatores que tenham contribuído para a mistura dessas formas no português contemporâneo falado no Brasil.

Com o tempo, o sistema pronominal do português sofreu algumas modificações. Algumas diferenças marcantes são observadas quando se compara esse conjunto de formas atual com o sistema pronominal de origem. Observa-se, por exemplo, a introdução e a ausência de alguns pronomes na subclasse dos pronomes retos e a variação nos usos. Tais mudanças raramente são citadas pelas gramáticas que somente apresentam o sistema pronominal tradicional, deixando de lado termos em uso, utilizados pelos falantes brasileiros como, por exemplo, a forma *você* e a expressão *a gente*.

Loregian-Penkál (2006) comenta que um dos problemas do paradigma pronominal apresentado pela gramática está centrado na segunda pessoa do singular representado apenas pelo pronome *tu*, enquanto o pronome *você* não consta no sistema pronominal do PB ao lado da forma *tu*, da segunda pessoa. Este pronome nem sempre recebe a classificação de pessoal pela maioria das gramáticas.

Com relação ao pronome *você*, Corradello (1998, p.23) assinala que “a própria imprecisão definitória tem sua razão de ser na incompatibilidade entre pessoa e concordância”, afirmando que o “pronome concorda com a segunda pessoa do singular, mas, quanto ao verbo que acompanha o pronome, a concordância se dá com o paradigma da terceira pessoa”. Desse modo, pressupõe-se que o motivo de alguns

autores não incluírem a forma *você* como pronome pessoal é consequência de sua representação inicial como forma de tratamento.

Na próxima seção, veremos os usos atuais dos pronomes no Português Brasileiro.

Usos atuais dos pronomes no português brasileiro

O sistema pronominal do BP, em relação aos ditos pronomes do caso reto, apresenta a introdução da forma *você* como pronome de segunda pessoa do singular ao lado da forma *tu*. Na primeira pessoa do plural, houve a introdução da expressão *a gente*, que leva o verbo à conjugação da terceira pessoa, conforme observado por Corradello (1998). A ocorrência de mesclas entre os usos das formas do pronome de segunda pessoa *tu* e *você* como em: “*Você* quer uma carona? Eu *te* pego às 5h” ou “*tu vai* ao médico amanhã?” são frequentes em PB, principalmente na modalidade falada. Observa-se nesses usos que o falante naturalmente inicia seu enunciado utilizando a forma *você* para em seguida passar ao *tu* no mesmo trecho de fala. Ou ainda, como no segundo exemplo, utiliza o pronome *tu* junto à terminação verbal da terceira pessoa do singular, que é usada com a forma de tratamento *você*. São usos cotidianos da língua falada, que vêm sendo, inclusive, utilizados pela mídia escrita para fins de alcançar o público falante dessa modalidade de PB.

A gramática normativa, no entanto, ignora a mistura entre as formas *você* e *tu*, argumentando que, apesar de tais elementos representarem a mesma pessoa no discurso, o falante deve manter a “uniformidade dos tratamentos”, limitando-se ao uso restrito de uma forma ou de outra, ou seja, se o falante escolher a forma *tu*, ele deve utilizá-la sem variação. Exclui-se deste modo a possibilidade de aceitação de qualquer forma de variação entre esses pronomes, visto que usos mesclados divergem da norma padrão.

A mistura entre *tu* e *você* é verificada em várias regiões do Brasil. Atualmente *você* é a forma predominante como referência ao interlocutor, na maioria das regiões; o *tu*, por sua vez, vem perdendo ou dividindo seu espaço com *você*, até mesmo em regiões onde, anteriormente, era empregado como a forma predileta de tratamento. Oliveira (2009) comenta que em Belém do Pará, local em que o *tu* ainda é muito utilizado, há uma competição entre as formas *tu* e *você*. No entanto, a flexão verbal de segunda pessoa para o pronome *tu* só costuma ser mantida em situações que exigem mais

formalidade.

Estudos como o de Menon (2002) e o de Loregian-Penkall (2004) mostram que nas três capitais da região Sul: Porto Alegre, Curitiba e Florianópolis, a variação entre as formas *tu* e *você* apresenta-se de maneira diferente. Em Porto Alegre, o uso de *tu* e *você* é equilibrado, essas formas tendem a manter a mesma flexão verbal de terceira pessoa. Em Curitiba, usa-se *você* para se referir à segunda pessoa, além da ocorrência do pronome zero, sem a marcação verbal como no exemplo: ‘ØPodeØ me dizer a hora’. Em Florianópolis, o uso do pronome zero é mais recorrente, sendo possível o uso das formas *tu* e *você*, porém aquela é mais frequente..

Na fala cotidiana observa-se, ainda, outra variante: a expressão *a gente* que co-ocorre com o pronome “*nós*” em diversas situações, exercendo diferentes funções sintáticas. A mais comum é a de sujeito de primeira pessoa do plural, por exemplo: “... para que *a gente* possa fazer o Brasil crescer acima de 5%”. Mas, além da função de sujeito, a expressão “*a gente*” pode assumir a função de objeto indireto: “... gostaria que você dissesse *pra gente* tudo que você souber...” e de adjunto adnominal: “... a coisa mais conhecida sai da cabeça *da gente*”, entre outras.

A introdução da expressão “*a gente*” no quadro dos pronomes pessoais como uma variação do pronome de primeira pessoa do plural “*nós*” tem sido influenciada por diversos fatores que podem ser de ordem interna ao sistema linguístico: fonomorfossintático, semântico, discursivo e lexical, bem como fatores de ordem externa ou fatores sociais como, por exemplo: etnia, classe social, idade, escolaridade sexo do falante entre outros.

Na próxima seção, apresentaremos algumas observações realizadas a partir de textos publicitários.

Textos publicitários: o *locus* da mistura de pronomes

A mistura de pronomes é bastante presente em textos publicitários como recurso linguístico com o intuito de alcançar o público por meio da aproximação da linguagem usada pelos falantes da língua, de forma a chamar atenção para o produto ou serviço que se quer divulgar.

O texto publicitário objetiva atingir o público, em geral, das diversas camadas sociais, dependendo do seu propósito imediato. Usos linguísticos informais nesse tipo

de texto são comuns. O êxito de uma campanha publicitária é em grande parte determinado pelo uso de uma linguagem próxima do povo, que reflita seu jeito de ser e de se expressar.

É essa linguagem que possibilitará a maior ou menor aceitação do produto, serviços ou ideias expostas. Percebe-se o uso dos pronomes de tratamento, como um dos mecanismos que pode ser utilizado para tornar um texto publicitário mais informal, mais próximo da variedade de língua usada por seus leitores. Observa-se que a oscilação entre os usos dos pronomes de segunda e terceira pessoa e as formas verbais do imperativo, muitas vezes, divergem, também da norma canônica da língua.

Todavia essa mistura de pronomes não é recente quando falamos em linguagem coloquial. Monteiro de Lobato em carta a Rangel em São Paulo (07/11/1904) deixava claro que a linguagem usada em seus textos, fosse formal ou informal, dependia do tipo de texto que seria escrito.

A noção de variação estilística é importante para o estudo das formas de tratamento, uma vez que trata da alternância de formas linguísticas que o usuário emprega de acordo com o contexto no qual está inserida sua atuação comunicativa. A variação de estilos não deve ser entendida como uma mera escolha individual, visto que é, em grande parte, dependente de fatores contextuais do tipo de relação entre os interlocutores, da classe social, do gênero dos interlocutores, da idade, do meio ambiente físico e tópico discursivo.

O texto publicitário considera os fatores possíveis da variação linguística, pois usa estratégias de persuasão, manipulando a linguagem para que o consumidor se identifique com os valores expressos na publicidade. Desta maneira, o gênero texto publicitário apresenta uma linguagem rica e variada, pois ele é adaptado ao produto/serviço, e ao público-alvo. Em textos publicitários é comum a linguagem informal quando a intenção é alcançar o grande público, visto que com tal uso mais eficientemente atinge seu alvo.

Nesse contexto, nota-se que alguns textos publicitários têm utilizado uma linguagem coloquial mais próxima da fala violando, desta maneira, regras gramaticais, como no caso da mistura dos pronomes, o que, embora seja um uso diverso da norma culta, é muito comum em nossa língua falada.

Com relação aos pronomes pessoais, percebe-se na linguagem coloquial a perda do uso do pronome oblíquo “*te*” associado à forma de tratamento *tu* e o uso de “*te*”

associado à forma de tratamento *você*. Com usos como esse, a publicidade vem se apropriando de uma linguagem mais cotidiana, em seus textos.

Embora exista resistência por parte dos gramáticos tradicionais, alguns estudos nos revelam que a mistura entre pronomes de segunda pessoa ocorre em nosso dialeto desde o século XVIII. Cyrino e Brito (2000), com base em quatro textos de peças de teatro do português brasileiro, escritos nos séculos XIX e XX, verificaram a situação do sistema pronominal de segunda pessoa em função de objeto, a partir de uma pesquisa diacrônica. As peças foram divididas em quatro períodos que representam a configuração dos usos linguísticos do Brasil nesses séculos do seguinte modo: (1) comédia de Martins Pena (1833-1842); (2) peça de Graça Aranha (1911); (3) peças de Oswald de Andrade (1933-1937); (4) teatro de Gianfrancesco Guarnieri (2ª metade do século XX).

As autoras observaram que a variedade de usos dos pronomes *te, ti, lhe, o/a, você, convosco e Vossa Senhoria* ocorriam em todos os períodos, reduzindo a variedade de uso dos pronomes de segunda pessoa em função de objeto, apenas no segundo período.

Com respeito às formas de tratamento, constataram que a variedade que alterna os usos entre *tu* e *você* é maior no primeiro período. No segundo período, o uso de *tu* é a forma predominante. No terceiro período, os pronomes co-ocorrem, ficando a forma *você* com maior ocorrência (52%), enquanto que a porcentagem de *tu* fica em (27%). No último período, há um aumento significativo do uso da forma *você* (83%) em detrimento de *tu* (10%).

Menon (2002 *apud* OLIVEIRA, 2009, p. 6) afirma que a “mudança no sistema pronominal desencadeia a variação/mudança no sistema verbal”. O autor afirma, ainda, que a forma *tu*, em algumas regiões do Brasil, costuma acompanhar a forma verbal não-marcada, como no exemplo: ‘Em Lages mesmo só se **tu temø** apadrinhamento.’

Pode-se comprovar então que a mistura de pronomes constitui-se em um uso bastante antigo em língua portuguesa e que ela provocou o enfraquecimento da concordância verbal com o pronome singular de segunda pessoa *tu*, visto que, a partir da mistura de pronomes, o pronome *tu* passou a ser empregado com o verbo na terceira pessoa.

Na próxima seção, pontuaremos alguns fatores que contribuíram para a mistura e

provável mudança pronominal em PB.

Fatores que contribuíram para a mistura e provável mudança.

As transformações sofridas na língua estão diretamente relacionadas às mudanças sociais e econômicas ocorridas ao longo do tempo em uma sociedade. A respeito das formas de tratamento, a língua portuguesa apresentava duas formas de se referir à segunda pessoa do discurso, adquiridas do sistema latino. O pronome *tu* para o tratamento íntimo e o pronome *vós* usado para o tratamento cerimonioso. Dos idiomas de origem latina, Faraco (1996, p. 54) observa que a língua francesa foi a única que conservou esse sistema; “as demais passaram por diferentes mudanças que as afastaram menos ou mais do sistema inicial herdado”.

No latim a forma *vós* referente à segunda pessoa do plural passou a ser utilizada para se referir ao rei para manifestar uma relação de poder, de hierarquia. A partir desse momento, o pronome *vós* ganha mais uma função, ou seja, ele deixa de se referir apenas à segunda pessoa do plural e passa a representar dimensão de poder.

As relações de assimetria e de simetria podem ocorrer da seguinte forma: (i) relações assimétricas: **tu-vós**; (ii) relações simétricas classe alta: **vós**; (iii) classe baixa: **tu**.

Faraco (1996, p. 54) também apresenta uma discussão a respeito da alternância *tu* e *vós* no sistema latino. Segundo o autor, no latim, eram duas formas empregadas para se referir à segunda pessoa, o pronome *tu* – referência menos formal -, e *vós* – usado como referência universal a mais de um interlocutor (tratamento plural formal e informal), e também como forma singular formal, isto é, para se referir a um único interlocutor menos íntimo).

Segundo Oliveira (2009, p. 3) “com o decorrer do tempo, o *tu* foi se convertendo no pronome que denota intimidade entre os interlocutores, e *vós*, no que denota formalidade ou reverência” entre as demais camadas populares.

A antiga sociedade portuguesa de economia feudal, na metade do século XVI, passava por transformações sociais e econômicas. Devido ao enfraquecimento desse sistema e da descentralização do poder das mãos dos senhores feudais, o poder do rei foi se fortalecendo. Em meio a esse cenário, surge uma nova classe denominada burguesia que, com a sua crescente riqueza, passa a dividir espaço na sociedade, antes ocupado

pela nobreza e pelo clero.

No fim do século XV e início do século XVI “[...] a burguesia vem a compor, em Portugal, a pirâmide social” (DIAS, 2007, p. 28), a qual era constituída, respectivamente, de cima para baixo pela realeza – nobreza, burguesia e plebe. Dias (op. cit.) relata que, na corte, foram implantados novos costumes às relações sociais, os quais exigiam mais formalidade. Nessa época, o *vós* não servia mais como tratamento utilizado em relação ao rei, pois seu uso já havia sido expandido entre os demais como uso de tratamento formal.

Em virtude dessa reorganização social havia a necessidade de que a nova aristocracia instituisse seu papel na sociedade, resultando em diversas adaptações sociais, inclusive linguística. (FARACO, 1996). Surgia a necessidade de um tratamento diferenciado para o rei e a aristocracia que precisava diferenciar-se de seus inferiores. Em 1857¹⁷ Felipe II estabelece em Portugal a lei de cortesia para a criação de novas formas de tratamento.

Faraco (1996) lembra que novas formas de tratamento foram criadas para se dirigir ao rei, entre elas estão: *vossa mercê*, *vossa senhoria*, *vossa majestade*, *vossa alteza* e *vossa excelência*. Além do mais, a tradição gramatical deu continuidade à classificação de *você* como pronome de tratamento da segunda pessoa, que leva o verbo à terceira pessoa. De acordo com Corradelo (1998) isso acontece pelo fato de *você* ter sido originado de *vossa mercê*, visto que a concordância com este se dava pelo substantivo de qualidade de *mercê* e não com a segunda pessoa. Na carta de Pero Vaz de Caminha ao El-Rey Dom Manuel, podem-se observar as formas de tratamento *vossa alteza*, *senhor* e *vossa mercê* em que a concordância se dá em terceira pessoa.

Rumeu (2008, p. 29) afirma que “em virtude do desuso do pronome *vós* para o tratamento cerimonioso do interlocutor, houve a criação de novas formas nominais entre elas a forma *Vossa Mercê* que evoluiu, lenta e gradualmente, até originar a forma pronominal *você*.”

Assim como o *vós*, a forma nominal *Vossa Mercê* também se disseminou como forma de tratamento geral, estendendo seu uso para as outras classes da sociedade. Dessa forma, *vossa mercê* caiu em desuso, visto que não era mais uso exclusivo do rei.

Segundo Faraco (1996, p. 59), entre essas formas de tratamento, *vossa mercê* teve maior produtividade em seu uso, pois se tornou a forma que mais se expandiu

passando do tratamento formal, honorífica ao rei, para em seguida, comporta-se como estratégia formal à aristocracia.

Rumeu (2004, apud RUMEU, 2008, p. 30) afirma que *você* apresenta-se como uma forma pronominal de tratamento, uma vez que deixa entrever traços sintáticos que se aproximam da forma nominal de tratamento que o impulsionou.

A forma *você* nasce da redução fonética devido ao uso e ao desuso da forma nominal *vossa mercê*.

Corradelo (1998) comenta que a forma *você* surgiu provavelmente no fim do século XVIII. Observa, ainda em conformidade com Biderman (1972), que o tratamento *você*, no Brasil, até meados do século XIX, circunscreve-se ao tratamento superior para inferior, passando ao tratamento íntimo e familiar, provavelmente, na virada do século XIX para o XX.

De acordo com ela, “o pronome *você* traz desde a origem uma não homogeneidade interpretativa, tanto do ponto de vista gramatical quanto semântico – pragmático”, visto que existe discordância entre a pessoa e o verbo. Da perspectiva semântica e pragmática há homogeneidade pelo fato de este pronome trazer elementos da sua forma original “*vossa mercê*”.

Em suma, a forma *você* nasce a partir da transformação fonética e semântica da forma de tratamento *vossa mercê*, por volta do século XVII em Portugal e no século XVIII no Brasil impulsionado por fatores sociais e linguísticos. (CORRADELO, 1998).

Faraco (1996) lembra que a degradação semântica sofrida por *vós*, a redução fonética de *vossa mercê* e o seu uso generalizado *você* se encontravam em estágios bem avançados no início do período do processo de ocupação no Brasil, a partir do século XVI.

Apresentaremos brevemente alguns fatores diacrônicos sobre os pronomes de segunda pessoa do singular do PB.

Fatores diacrônicos: os pronomes *tu* e *você* no português brasileiro dos séculos XIX, XX e XXI.

O estudo realizado por Rumeu (2008), com base em cartas pessoais oitocentistas e novecentistas da família Pedreira Ferraz – Magalhães, analisou o processo de inserção

¹⁷ Data de publicação de um documento de 1603, as Filipinas, citado no estudo de Faraco, 1996.

de *você* no quadro pronominal do PB e o seu nível de coexistência com o *tu*. A proposta da autora foi delinear, em uma amostra composta por trinta cartas pessoais, produzidas em fins do século XIX e na primeira metade do século XX, o perfil da variação entre as formas de referência à segunda pessoa do discurso *Tu* e *Você* nas suas mais variadas realizações pronominais e verbais.

As trinta cartas foram trocadas entre pai e filhos, mãe e filhos, avô e netos e entre irmãos, pertencentes a uma família da elite do Rio de Janeiro. São cartas íntimas nas quais os componentes da família Pedreira Ferraz & Magalhães tratam de questões pessoais.

Rumeu (2008) identificou no *corpus* o total de 496 ocorrências das formas de segunda pessoa *tu* e *você*, das quais 67% eram da forma *tu* e, em 33% dos dados, verificou-se a forma *você*. Constatou-se que os pronomes relacionados ao *tu* íntimo constituem o tipo de estratégia de referência à segunda pessoa do discurso preferida nas missivas pessoais trocadas entre os entes da família Pedreira Ferraz-Magalhães. Esse resultado confirma dados estudados por outros autores.

Dessa forma, a autora comprova sua hipótese de que nas cartas familiares analisadas, o uso do *tu* ainda era mais produtivo nas relações que envolviam mais intimidade entre os interlocutores, amigos ou familiares. Entretanto para a autora, a menor frequência no uso de *você* pode ser indicativo do início do processo de implementação desta forma, iniciado no século XVIII.

Nos trechos seguintes, retirados das cartas em análise, a autora verificou a variação entre *tu* e *você*.

(a) “Agradeço muito a **tua** cartinha e também a vovó **tua** madrinha ficou muito contente.espaço] *Ella vae responder, e diz que cada vez gosta mais de ti, e também dos outros bisnetinhos. Nós temos passado, assim, assim. [espaço] Desejo que esta te ache já melhor, com o uso do mercurio. [espaço] Foi bom, Você voltar para Santa Fé, por que aqui tem adoecido muitas crianças, até a Maria da Glória está de cama.*”(Carta de João Pedreira do Couto Ferraz (Dr. Pedreira) a sua neta, Maria Leonor. RJ,15.04.1886.)

(b) “[espaço] *Nossa Senhora permitta que estejas fazendo a melhor viagem, ou antes ella te encha de benção e graças para onde a obediência te manda. [espaço] Estou seguindo a marcha do teu vapor, dia por dia, pelo Jornal - sei que hoje de manhã estavas em Maceió. [espaço] Oh ! com que saudades fiquei tuas, filho mil vezes querido*

de meu coração !! Estou ansiosa por tuas amantíssimas letras e notícias ! A' bordo recebi uma linda carta de Jane para você, mas como não abri o envelope deixei de te dar.” (Carta de Zélia ao filho. RJ, 23.01.1912.) p.127

Em (a) o Dr. Pedreira dirige-se a sua neta Maria Leonor inicialmente por meio dos pronomes possessivos de segunda pessoa (*teu, tua*) mantendo, regularmente, o pronome *tu*, evidenciado também pelos pronomes oblíquos (*te, ti*). No fim do trecho, dirige-se novamente à neta empregando a forma *você*, realizando, portanto a mescla. Do mesmo modo, no trecho (b) Zélia dirigiu-se ao seu filho, primeiramente, pelos pronomes oblíquos *te* e em seguida usa o pronome possessivo *teu, tua* que evidenciam a segunda pessoa do discurso – *tu*. No entanto, verifica-se que na mesma sequência comunicativa o uso da forma *você* (terceira pessoa pronominal) combinando com o pronome oblíquo átono de segunda pessoa *te*. Desse modo, observa-se, conforme os exemplos, a não uniformidade de tratamento, visto que se tem o uso de *você* com o pronome oblíquo átono *te*.

A autora verificou que a “mistura de tratamento, tão rechaçada pelos manuais de gramática contemporâneos, ocorria nas cartas familiares dos Pedreira Ferraz-Magalhães” (RUMEU, 2008, p. 128). Constatou ainda que as formas de segunda pessoa (*tu*), apesar da concordância ser feita preferencialmente combinada com a segunda pessoa formal, em 90% dos dados (68), combinava-se com a terceira pessoa formal, em 20% dos dados (19) em cartas de fins do século XIX e início do século XX.

Um dos fatores da mescla de tratamento, de acordo com Rumeu (2008) se dá pelo fato de a forma *você* possuir um caráter ‘camaleônico’ na sua especificação formal e semântica do traço de pessoa, uma vez que possui traços da propriedade pronominal, de referência a segunda pessoa do discurso. Por outro lado, estabelece concordância com a terceira pessoa gramatical, presença de um traço original.

Lopes (2008) apresenta um panorama geral da inserção de *você* no quadro pronominal do PB, nos séculos XX e XXI, período de sua efetiva inclusão. Os estudos mais recentes sobre a variação entre *tu* e *você* no século XXI tiveram como base dois roteiros cinematográficos: *Amores possíveis* (Halm, 2001) e *Cidade de Deus* (Mantovani, 2003). Aquele registra a classe média alta carioca, enquanto este reproduz o discurso de moradores de comunidades carentes do Rio de Janeiro.

Os resultados ilustram que, na variedade culta representada no filme *Amores possíveis*, a forma *você* predomina como pronome-sujeito (100%), enquanto em *Cidade*

de Deus o *tu* é a forma predominante, nessa mesma função, com 55%. Lopes (2008) observa que nos dois casos com *você* e *tu* aparecem acompanhados com o verbo na terceira pessoa. A autora chama atenção ao fato de as amostras serem bem marcadas “como estereótipos sociais que, aparentemente, contrapõem a supremacia do *você*, neutralizado como tratamento íntimo na classe média alta, ao lado do *tu* sem marca desinencial, que prevalece na fala popular.”

Lopes (2008) chama atenção para a presença da mistura dos pronomes encontrados na mesma sequência discursiva, “[...] qualquer expressão de 2ª pessoa (imperativo, pronome oblíquo ou possessivo) precedendo *você* e vice-versa: 3ª pessoa antecedendo *tu*: 18% em amores possíveis e 43% em Cidade de Deus o que configura a mescla de tratamento”.

Sobre a mistura dos pronomes de segunda pessoa do discurso *tu* e *você* no PB atual, Lopes (2008) constatou que a concorrência entre esses pronomes em função de pronome-sujeito é influenciada por fatores sociais, regionais e etários. O *te* acusativo mostra-se produtivo na mistura com *você* e *tu*, nos roteiros de cinema pesquisados. Com relação ao imperativo, trata-se de um contexto de resistência de segunda pessoa. A respeito dos pronomes possessivos, a autora observou na variedade culta, *você* ocorre com a forma de terceira pessoa *seu*. E na variedade popular em que predomina o *tu*, escolhe-se o pronome *teu*. Desse modo, os empregos dos pronomes possessivos mostram-se regularmente de acordo com a norma padrão.

A seguir, verificaremos alguns fatores sincrônicos relacionados à mistura e uso de pronomes.

Fatores sincrônicos

Alguns resultados sobre a variação *tu* e *você* por meio de estudos realizados nas cinco regiões do Brasil permite-nos verificar os fatores sincrônicos provavelmente relacionados à mistura dos pronomes. Os trabalhos compilados foram os seguintes: para a região centro-oeste, as investigações de Dias (2007) com a variação *tu/você* entre falantes brasilienses. Para a região sudeste, tem-se o trabalho de Modesto (2007) com os dados da fala santista. Para região nordeste, o estudo de Soares (1980) com dados da fala de Fortaleza. Para região Sul, apresenta-se o trabalho de Loregian-Penkall (2004)

com dados de falantes de localidades do Sul. Para a região norte, tem-se o trabalho de Soares & Leal (1993) com dados da fala de Belém.

Dias (2007) estudou a variação *tu/você* entre falantes brasileiros com intuito de descrever quais fatores linguísticos e sociais condicionam a variação em diferentes faixas etárias. O *corpus* são amostras de falas de pessoas de três faixas etárias: de 13 a 19 anos; de 20 a 29 anos; e de mais de 30 anos, obtidas por meio de gravações de conversas espontâneas.

Em termos gerais, a frequência média do uso do *tu* em contraposição da forma *cê/você* é de 12,8%. A autora analisou isoladamente fatores linguísticos: tipos de fala; e fatores sociais: sexo do falante, faixa etária e estilo do falante, tipo de relacionamento com o interlocutor e sua faixa etária.

Em termos linguísticos, a autora observou que “[...] da mesma forma que o falante altera sua fala para assuntos profissionais, ele também o faz quando deseja brincar com o interlocutor” (DIAS, 2007, p.78), pois o uso do *tu* era favorecido em conversas informais, principalmente quando a conversa ou assunto tinha um tom de ironia.

No eixo do tipo de fala, a autora dividiu o fator ato de fala, conforme a intenção dos interlocutores que podem ser indicar ironia, casualidade, repreensão e profissionalismo.

A autora observou que o uso do pronome *tu* tende a aparecer em falas caracterizadas como irônicas, debochadas, anedóticas ou jocosas, com 31,7%. Constatou-se que esse tipo de diálogo é muito favorecedor do uso do *tu*. Por outro lado, na conversa profissional há um baixo índice deste pronome com apenas 0,6%. O uso de *tu* nas conversas casuais tende a se neutralizar. Quanto às repreensões, a autora observou a tendência de o falante usar *você* como a variante mais formal.

Nos resultados obtidos os dados ainda foram divididos em *cê/você* em que neste tipo de fala 37,2% ocorrem com *cê* e 58,1 % com *você*. Tal resultado confirmou uma das hipóteses da autora de que a escolha por *você* se dava pela “intenção do falante de se distanciar de seu interlocutor, reforçando o sentimento de desaprovação”. (DIAS, 2007, p. 79)

Em síntese, Dias (2007) chegou aos seguintes resultados: quanto ao fator idade, verificou que o uso do *tu* é mais frequente entre os falantes mais jovens, na faixa intermediária tende a se neutralizar, uma vez que a diferença entre o uso de *tu* e *você* são

baixos, e é desfavorecido entre os falantes mais velhos. Quanto ao fator sexo, verificou que os homens tendem a usar o pronome *tu*, enquanto as mulheres tendem a usar a forma *você* por ser a variante mais formal. Quanto ao eixo do estilo de vida, foram considerados a profissão em alternativo (serviços não governamentais) e conservador (cargos públicos). Observou-se que as pessoas de estilo de vida alternativo usam mais *tu* com 15,6% que aquelas com estilo de vida conservador, 1,4%. Quanto ao interlocutor, comprovou-se, conforme o esperado, maior tendência do uso do *tu* em relações entre amigos íntimo-familiares.

A autora concluiu que, de modo geral, na frequência do uso do *tu* existe uma gradação etária, visto que o falante “tende a usar menos este pronome à medida que se inserem no mercado trabalho”. Segundo a autora, a variação de *tu* com *cê* e *você* é uma mudança em curso, no que se refere aos contextos em que o *tu* é usado.

Modesto (2007, p. 23) estudou a alternância das formas de tratamento *tu* e *você* na cidade de Santos, litoral de São Paulo. O *corpus* foi composto por gravações secretas e não secretas de conversas informais dos falantes santistas. O trabalho foi desenvolvido com base nas ideias funcionalistas de Halliday e na teoria da variação de Labov. Os resultados mostram, de modo geral, que os falantes santistas, tendem a usar a forma *tu* em situações informais. No entanto, tal forma não supera o uso de *você* que fica com 67% de frequência, ao passo que o uso do *tu* corresponde a apenas 32%. Sendo que a alternância destes pronomes é motivada por fatores linguísticos, sociais e pragmáticos-discursivos.

Foram analisados fatores discursivos linguísticos e sociais: monitoramento; expressividade; função sintática; referenciação e escolaridade.

A autora verificou que o uso de *tu* é motivado pela configuração de situações de [+] envolvimento, [-] monitoramento e [+] expressividade entre os interlocutores. Quanto ao uso de *você*, verificou que é determinado por situações de [+ monitoramento] e [-expressividade], porém seu uso neste corpus é expressivo em termos de frequências, o que indica que também pode ser usado em contextos de [+] envolvimento. A autora considerou o fator envolvimento, pois as gravações foram feitas entre interlocutores que mantinham grande envolvimento entre si (amigos, irmãos, colegas de trabalho e de classe).

Modesto (2007) observou que o *te* é produtivo com as duas formas *tu* e *você* na mesma sequência discursiva. Com relação ao monitoramento, os falantes santistas

tendem a usar o *tu* (42%) em conversas menos monitoradas, ao passo que nas conversas em que os informantes eram sabedores da gravação, o uso do *tu/te* reduzia para 14%. Desse modo confirma “o valor social e pragmático que é dado à forma *tu*, como sendo mais informal e de uso mais íntimo” (MODESTO, 2007, p. 18).

A respeito da alternância dos pronomes num mesmo contexto, Monteiro (1994, p. 163 apud MODESTO, 2007, p.18) afirma que

As modalidades de tratamento se misturam em função de fatores pragmáticos e essa intercambialidade acontece devido à instabilidade no sistema. Segundo ele, a alternância ou mistura das formas de tratamento, sugere indícios de flutuação no comportamento dos interlocutores e marca a própria natureza da relação social. “Associar *te* com *você* conota talvez maior intuito de aproximação ou de intimidade do que *lhe* com *você*” (p.163) (grifos do autor).

Neste contexto, os fatores pragmático-discursivos, bem como a configuração do contexto discursivo, são elementos pertinentes para a seleção das formas pronominais de tratamento.

Soares (1980) estudou as formas de tratamento em Fortaleza, no Ceará. Seu *corpus* era composto de entrevistas gravadas, questionários e observações assistemáticas. A autora constatou, na análise dos dados, a variação dos pronomes *você / o senhor e tu* tanto nas relações assimétricas, no tratamento de superior para inferior, quanto nas relações simétricas, usados entre membros de mesmo grupo social.

Notou ainda que os questionários e as observações mesmo em situações informais não refletiam o uso real do *tu*, pois os falantes, ao serem observados, evitavam o uso *tu*, e a concordância tendia a ser feita com a terceira pessoa verbal. Dessa forma, percebe-se o valor negativo no uso desse pronome, visto como “feio”, “errado”, uma vez que os falantes não costumam manter a flexão verbal canônica de segunda pessoa.

Com base nas entrevistas gravadas, Soares (1980) observou que nas relações simétricas, nas situações sem nenhuma intimidade, o tratamento entre os falantes é formal; e entre os jovens usa-se *você*. Nas relações de pouca intimidade o tratamento preferencial dá-se por meio de *você* ou o *senhor*; em situações de muita intimidade os usos variam entre *você* e *tu*.

Nas relações assimétricas: sem ou pouca intimidade o superior usa *você* para o subordinado enquanto este usa o *senhor* ou *você* para o superior. Em situações de muita

intimidade, o tratamento de superior para inferior é *você* ou *tu*, enquanto o superior recebe o tratamento o *senhor*.

Soares concluiu que em Fortaleza há um sistema ternário com *tu/você/o senhor*, produtivo nas relações simétricas e assimétricas de interação formal e informal com usos variáveis motivados pelos fatores: a situação do discurso; papel social dos interlocutores; idade e grau de intimidade. Em relação ao uso do *tu*, a autora constata que é mais produtivo em situações comunicativas de menos formalidade, ao contrário de *você*. A concordância do uso do *tu* pode variar entre a segunda e terceira pessoa gramatical dependendo da escolaridade do falante, do grau de formalidade e do monitoramento do próprio informante com sua expressão oral.

Loregian-Penkall (2004) estudou a variação entre *tu/você* nas três capitais da região sul: Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre; e ainda, em três cidades do interior de Santa Catarina (Chapecó, Blumenau e Lages); e do Rio Grande do Sul (Flores da Cunha, Panambi e São Borja). Foram analisados 24 falantes de cada localidade. O objetivo do estudo foi verificar, sob a perspectiva teórica da sociolinguística variacionista, de que forma ocorre a alternância pronominal e a concordância verbal do pronome *tu* nessas cidades.

Com relação aos fatores linguísticos, o autor constatou que o discurso argumentativo e o discurso determinado e a expressão nula do sujeito favorecem o uso de *tu* nas regiões de Florianópolis e Ribeirão da Ilha, em que a concordância se realiza de acordo a norma canônica. Ao passo que as explicações e discursos por parte do entrevistador proporcionam o uso de *tu* ou *você*. Os fatores favoráveis ao uso de *você* foram a indeterminação do referente, o discurso relatado de terceira pessoa e o discurso narrativo, por caracterizar-se por certo distanciamento temporal.

A respeito da concordância de *tu*, de acordo com Loregian-Penkall (2004), as cidades de Chapecó e as quatro cidades do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, São Borja, Panambi e Flores da Cunha) tendem a usar o *tu* sem a flexão verbal canônica. Diante dos resultados, ela observou mudanças no sistema pronominal que ocorrem de forma diferenciada nas três capitais e nas cidades interioranas do Sul do Brasil.

No que diz respeito ao gênero, observou que o emprego do pronome *tu* é mais produtivo entre as mulheres de Porto Alegre e de Florianópolis.

Soares & Leal (1993) estudaram, em Belém, as formas de tratamento produtivas nas interações comunicativas entre pais e filhos de professores e funcionários da

Universidade Federal do Pará (UFPA). Os resultados revelaram a predominância pelo uso do *tu* e *senhor* pelos filhos ao se dirigirem aos pais, havendo uma maior probabilidade do uso do *tu* pelos filhos dos professores, enquanto que os filhos dos funcionários, ao se dirigem aos pais, usam o tratamento *senhor*. Quanto aos pais, usam o *tu* para direcionar-se aos filhos indistintamente. Os fatores faixa etária e grupo socioeconômico se mostraram significativos para os resultados.

As autoras defendem que existe uma mudança no emprego das formas de tratamento, principalmente de filhos para pais. As autoras constataram que a forma *senhor* (a) vem perdendo seu terreno para o pronome *tu*. Das formas utilizadas pelos informantes filhos, 38% correspondem a *senhor* (a) e 50 % ao pronome *tu*, enquanto que a forma *você* fica com apenas 6,6% das ocorrências.

Conclusões

A gramaticalização, segundo Lopes (2005), por apresentar um caráter contínuo, pressupõe a coexistência entre novos valores/ usos ao lado dos antigos e a permanência de propriedades lexicais nas formas gramaticalizadas. Em se tratando da gramaticalização de *vossa mercê* > *você*, pode-se afirmar que não se perderam todos os traços formais nominais, como também não foram assumidos todos os traços dos pronomes pessoais. Essa mudança categorial de nome para pronome, segundo Lopes (2008), se concilia a dois princípios postulados por Hopper (1991 apud LOPES, 2005): de *persistência e decategorização*.

São indícios da decategorização sofrida por *vossa mercê* algumas especificações sintáticas como a redigificação da ordem de sujeito-verbo, a mistura de tratamento e a presença de co-referentes de segunda pessoa.

O fato de a forma *você* ter advindo de uma forma nominal de tratamento (*vossa mercê*) que conduz o verbo para a terceira pessoa do singular, referindo-se à segunda pessoa do discurso, ocasionou alguns rearranjos no sistema pronominal do PB motivados pela fusão do paradigma de segunda pessoa singular com o de terceira do singular, com a eliminação de segunda pessoa do plural (RUMEU, 2007). A partir de então, novas possibilidades de combinações foram se formando e tornando-se usuais na língua portuguesa, tais como: *você* com *te/lhe~você*, *teu/tua~seu/sua.*, etc. No plural pode-se encontrar *você* com *lhes~vocês*, *seus~teus*, *de vocês* etc, como ilustram os

exemplos a seguir: *você* disse que eu *te* acharia na faculdade e que *você* me emprestaria o teu/seu livro. *Você* arranhou aquele que eu *te/lhe* pedi? (LOPES e MACHADO, 2005).

Essa nova organização do sistema pronominal afetou também as subcategorias da classe dos pronomes, os possessivos e os oblíquos, por exemplo. Segundo Rumeu (2007) este é um outro rearranjo do quadro do sistema pronominal influenciado, mais uma vez, pela inserção de *você* nesse sistema. Com a passagem do possessivo de terceira pessoa “*seu*” para o paradigma de segunda pessoa, a forma *dele* (de+ele) tem-se tornado cada vez mais frequente com a função possessiva de terceira pessoa, como forma de se evitar a ambiguidade do possessivo *seu* que, por sua vez, pode-se referir a segunda e terceira pessoas do discurso de forma a concorrer com os pronomes possessivos de segunda pessoa- *teu/tua*.

Brito (2000), a partir de um estudo diacrônico sobre as formas de tratamento, observa que, no século XIX, o pronome lexical *você* passou a ser usado na função de sujeito, proporcionando a diminuição dos usos dos clíticos *o / a / lhe*. Para a autora, o falante do PB, hoje, ao usar a forma de tratamento *você* como referência ao interlocutor, tem dupla possibilidade de usos na função de objeto direto: o emprego da forma lexical *você* ou o emprego do clítico *te*.

Para Rumeu (2008), a produtividade de combinação de *você* com *te* constitui assim um reflexo da reorganização do sistema pronominal do PB, a partir da implementação da forma inovadora *você*.

Outra reestruturação ocorreu no paradigma verbal. Alguns autores como Faraco (1996), Menon (2000), Duarte (1996), entre outros, afirmam que a mudança no sistema pronominal desencadeia variação/mudança no sistema verbal. Portanto, a simplificação na flexão do sistema verbal é um reflexo dessa mudança. No sistema verbal do PB houve redução na flexão passando de seis para três formas básicas, pois, de acordo com Duarte (2005), o PB evoluiu de um sistema rico com seis formas distintas, mais dois sincretismos, representados pela segunda pessoa indireta (*você, vocês*) que utiliza a forma verbal de terceira para um paradigma que apresenta três formas: 1ª pessoa: eu **falo**; 2ª pessoa: tu/você/ele/a gente **fala** e 3ª pessoa: vocês/eles **falam**. Esta redução com apenas três formas é consequência da perda da flexão da segunda pessoa direta e do pronome de primeira pessoa do plural *nós*.

Com o novo paradigma pronominal, é frequente o uso da forma *tu* com a não marcação-verbal. Para Menon (2000), as desinências verbais não se mantêm bem

definidas, especialmente na língua falada, por isso as várias possibilidades de combinações encontradas na variedade do PB, onde se mostra uma correspondência pronominal e verbal diferente da norma padrão: (a) **Tu se** diverte muito; (b) **Você** trouxe o **teu** talão de cheque? e (c) **Você** estava lá, mas eu não **te** vi.

Observa-se em (a), a não-marcação verbal e o pronome *tu* com *se*, pronome reflexivo de terceira pessoa, no lugar de *te*. Em (b) *você* relaciona-se com o pronome possessivo de segunda pessoa *teu*. Em (c) a forma *você* seguido do *te* na função de objeto. Portanto, o uso do *te* com as formas *tu* / *você* reflete a nova marcação paramétrica do uso do objeto nulo.

Mesmo não fazendo parte da norma canônica, a mistura dos pronomes atingiu, também, as formas imperativas. No exemplo de texto publicitário da Caixa Econômica Federal: “**Vem pra caixa você também**”, tem-se o imperativo de segunda pessoa “vem” combinando com a forma “você”.

De acordo com Brito (2000), nos séculos XIX, havia uma nítida preferência pelo sujeito-nulo, porém observa-se, em textos de peças teatrais, uma queda significativa desse tipo de sujeito nos períodos subsequentes. Deste modo, inverteram-se os usos dos pronomes-sujeito, tornando maior a frequência do sujeito pronominal pleno.

Rumeu (2008) comenta que a forma inovadora *você* assume maior frequência de uso como sujeito pronominal-pleno que o evidência como uma forma híbrida de referência à segunda pessoa do discurso. O *você* se assemelha ao *tu*, ao assumir a posição sintática de sujeito pronominal tal como um legítimo pronome de referência à segunda pessoa do discurso. Em contrapartida, o *você* parece manter traços da forma nominal de tratamento que o originou (*Vossa Mercê*), ao assumir a sua realização plena como sujeito pronominal.

Segundo Duarte (1993, p.110), “um paradigma verbal de tal forma empobrecido ou enfraquecido, nada mais natural do que esperar alterações profundas na representação do sujeito pronominal”.

A frequente ocorrência do sujeito pronominal discutido por Duarte, em seu estudo (1993) sobre a mudança de parâmetro ‘pro-drop’ no PB, aponta para o fato de que o português do Brasil estaria evoluindo de uma língua de sujeito-nulo para uma língua de sujeito-pleno. Para Lopes (2005), com a redução da desinência verbal, os novos pronomes tornam-se os únicos indicadores da categoria de pessoa, daí sua presença ter se tornado cada vez mais obrigatória.

Conforme Oliveira (2009, p.7), “quanto mais reduzido é o paradigma flexional verbal número e pessoa, mais necessário se faz o preenchimento de sujeito pronominal.” Observa-se, portanto, que a forma verbal de terceira pessoa, além de concordar com os pronomes *você, ele, ela, a gente*, também estabelece concordância com o pronome *tu*, por esse motivo, segundo a autora, a presença do sujeito pronominal é mais recorrente.

Constatam-se, dessa forma, várias alterações morfossintáticas: introdução de novas formas pronominais, simplificação do paradigma verbal, preenchimento obrigatório do sujeito e ordem mais rígida na sentença.

Referências

BIDERMAN, Maria T. C. *Formas de tratamento e estruturas sociais*. Alfa. N° 18/19, p. 339-381.1972.

CORRADELO, Elaine de Fátima Alcará. *Quem é você: análise de um pronome pessoal*. 1997, Dissertação (Mestrado)- Instituto de Estudo da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP,1998.

CYRINO, Sonia M.L. e BRITO, Onilda R.M de. Perda (de tu/te) e aquisição de (você/te). *XXIX GEL*- Grupo de estudos linguísticos do estado de São Paulo. 2000.

DIAS, Edilene Patricia. *O uso do tu no português brasileiro falado*. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno. In: ROBERTS, I. & KATO, M. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

FARACO, Carlos Alberto. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, Curitiba: Ed. da UFPR, n. 13, p. 51-82, 1996.

LOREGIAN-PENKAL, L. *(Re) análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul*. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

_____. Pronomes pessoais: conceituação versus uso. *ANALECTA*, v. 7, n.1. 71-73, jan/jun. 2006. Disponível em: <http://www.unicentro.br/editora/revistas/analecta/v7n1/pronomes%20pessoais%205.pdf>. Acesso em: 25/02/2010.

LOPES, Célia Regina dos Santos (Org.). *A Norma Brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas Faperj, 2005.

LOPES, C.R.S; MACHADO, A. C. M. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. In: LOPES, C. R. dos. S. (Org.) *A Norma Brasileira em construção. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, FAPERJ. p. 45-66. 2005.

MODESTO, Artarxerxes Tiago Tácito. *Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância Tu/Você na cidade de Santos – SP*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006.

_____. Notícias de estudos realizados sobre as formas de tratamento no português brasileiro. *Revista Letra Magna*, n. 02. 2005. Disponível em: <http://www.letramagna.com/estudostratamento.pdf>. Acesso em: 02/03/2010.

OLIVEIRA, de L. Cristina. A evolução e o uso dos pronomes de tratamento de segunda pessoa singular no português e no espanhol. *Revista Letra Magna*, Ano 05, n.10 - 1º Semestre de 2009. Disponível em: <http://www.letramagna.com/pronomesportespanhol.pdf>. Acesso em: 26/02/2010.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. *Pronominais e Nominiais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas*. Volumes I e II. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.

_____. *A Implementação do 'Você' no Português Brasileiro Oitocentista e Novecentista: Um estudo de Paineis*. Tese de Doutorado – Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras. UFRJ, Rio de Janeiro. 2008.

SOARES, Izabel Cristina R.; LEAL, Maria da Graça Ferreira. Do senhor ao tu: uma conjugação em mudança. *Moara*. Revista do curso de mestrado (UFPA), Belém, n. 1, p. 27-64, mar/set. 1993.

SOARES, Maria Elias. *Formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza*. Dissertação de Mestrado em Letras. Rio de Janeiro: PUC/Rio. 1980.